
Agricultura familiar e experiências inovadoras no semi-árido nordestino

Sérgio Pereira Leite

Coroando um conjunto de estudos e trabalhos desenvolvidos, entre 1987 e 1997, por diversos participantes das equipes do Centro de Cooperação Internacional em Pesquisa Agronômica para o Desenvolvimento (Cirad) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agronômica (Embrapa), o livro organizado por Patrick Caron e Eric Sabourin (*Paysans du sertão: mutations des agricultures familiales dans le Nordeste du Brésil*) oferece ao leitor uma rica descrição e análise das experiências de pesquisa e de projetos de intervenção realizados no semi-árido nordestino recortadas pelo universo da agricultura familiar. Quatro regiões, em particular, são destacadas ao longo do texto: aquelas envolvendo comunidades rurais dos municípios de Juazeiro e Pintadas, na Bahia; de Tauá, no Ceará, e Nossa Senhora da Glória, em Sergipe, além de referências a outros casos localizados nos estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte.

A coletânea está dividida em três grandes partes, cada uma delas contendo vários capítulos de autoria dos diferentes membros das duas equipes, além de uma introdução e da conclusão da obra. A primeira parte (“Contexto e diversidade dos agricultores familiares no Nordeste semi-árido”) aborda o processo de transformação experimentado pela agricultura familiar na região, bem como pontua as questões teórico-metodológicas que sustentaram os trabalhos de campo. O segundo bloco, intitulado “Sínteses temáticas”, volta-se à reflexão e problematização de temas que tratam das trajetórias e dinâmicas dos processos produtivos locais, bem como das mudanças socio-econômicas e organizativas correlatas. Finalmente, o terceiro segmento do livro, “Questões postas à pesquisa e dispositivos de pesquisa-ação”, toca num ponto central ao próprio envolvimento dos pesquisadores no projeto que originou a seqüência de trabalhos (Projeto de Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura Familiar no Nordeste semi-árido – Padaf), ou seja, na capacidade de reverter o conhecimento acumulado nas investigações para o processo de transformação regional, socializando as informações com os atores locais e fortalecendo espaços comuns de diálogo, que serviram de base às inovações tecnológicas e institucionais experimentadas. A

relação bibliográfica, ao final, evidencia, através de uma série de artigos e relatórios publicados, a ampla participação e capacidade dos autores na formulação de um retrato das condições sociais, econômicas e técnicas que pautam a realidade desse segmento específico. Vale acrescentar, ainda, que essa aproximação do objeto estudado deu-se a partir de uma perspectiva multidisciplinar, envolvendo profissionais de formações em distintos campos acadêmicos: engenheiros agrônomos, economistas, veterinários, sociólogos, geógrafos, entre outros.

Uma primeira observação geral que podemos adiantar refere-se ao resultado extremamente satisfatório do trabalho de organização e edição desse conjunto variado de iniciativas anteriores. O “balanço” do percurso traçado pelas equipes de pesquisadores e dos produtos alcançados em cada um desses momentos é harmoniosamente concatenado pelos coordenadores do livro, demonstrando uma feliz habilidade em transpor para o volume em consideração uma “retrospectiva” de casos diferenciados, guardando os elementos comuns importantes nessa revisita comparativa *a posteriori*. Apenas assinalamos que o primeiro capítulo da terceira parte (assinado por Patrick Caron, Eric Sabourin, Jean-Philippe Tonneau, Pedro Carlos Gama da Silva e Clóvis Guimarães Filho) poderia ter sido alocado no bloco inicial de capítulos, visto que apresenta, de forma interessante, os passos que informaram a construção desse itinerário de pesquisa-ação, válido para todo o conjunto da obra.

Os autores valem-se da noção de *agricultura familiar* como elemento estruturante da análise que desfiam ao longo da publicação. O propósito é demonstrar a capacidade desse setor específico de agricultores em promover arranjos locais que permitam aos mesmos viabilizar o comércio de produtos agropecuários e de primeiro processamento, bem como possibilitem o de-senvolvimento de inovações tecnológicas (por exemplo, a produção, pelos produtores de Nossa Senhora da Glória, de novas variedades de queijo para atingir outros mercados consumidores) e institucionais (como a criação da Unidade de Planejamento Agropecuário do Município de Juazeiro – Upagro, que tornou-se uma arena mista vital ao processo decisório local) importantes. Na realidade, os textos compilados procuram colocar em xeque a interpretação freqüente que confere à “agricultura de subsistência”, “camponesa” ou “pequena agricultura” do Nordeste o atributo do isolamento, da incapacidade de articulação e da “propensão” à miséria. Ao longo do primeiro capítulo assinado pelos coordenadores do estudo (“Origem e evolução da agricultura familiar no Nordeste semi-árido”), vemos que, de fato, é a “subsistência” desse tipo de agricultura – certamente bastante diferenciada

entre si – que marca, juntamente com outros fatores, a caracterização do processo agrário regional. Embora algumas afirmações ali contidas possam ser questionadas, como a identificação dos primeiros conflitos da colonização do sertão à “natureza feudal” do processo, o termo *agricultura familiar* é empregado para designar um “conjunto de formas de produção que se opõem aos latifúndios e empresas rurais, alvos preferenciais da política de modernização. A agricultura familiar, assim identificada, reagrupa expressões sociais e modos de produção bastante diversificados, mas apresenta certas características comuns, como a valorização da mão-de-obra familiar e a autonomia da gestão dos meios de produção” (p. 22).

Dessa forma, a contribuição dos pesquisadores do Cirad e da Embrapa associa-se a um enorme volume de trabalhos e estudos desenvolvidos nos últimos anos que têm buscado a valorização desse segmento particular. Alguns desses trabalhos chegam mesmo a proclamar a “redescoberta” desse Brasil rural. Talvez o que esteja em jogo aqui não seja necessariamente a revelação de uma nova realidade agrária, correndo-se o risco de tentar agrupar numa categoria recente um universo complexo e diferenciado (como já fora ensaiado num outro debate e num outro momento, com a noção de *complexo agroindustrial*), mas a propriedade de uma forma específica de “olhar” essa realidade, legitimando mecanismos de intervenção local e validando políticas públicas diferenciadas. Essa combinação de múltiplas escalas (micro, meso e macro) para resgatar a dinâmica desse processo é um recurso fértil utilizado adequadamente pelos autores. Primeiro, é fértil tratar de questões atinentes à organização do espaço local e regional (e, portanto, territorial) aliado à idéia de trajetórias de desenvolvimento (cf. os capítulos dois, assinado por J. P. Tonneau, Yves Clouet e Patrick Caron, e três, de autoria de Eric Sabourin, Pedro C. G. da Silva e Bernard Hubert, além do próprio Caron, que igualmente subscreve o quarto capítulo). Também ela é útil à combinação chayanoviana entre processo trabalho e estruturas de consumo ao longo do ciclo de vida familiar, caracterizando as trajetórias de evolução das explorações (quarto capítulo) e as mudanças socioorganizacionais dos produtores (capítulo cinco, escrito por Sabourin). E ainda é fértil às estruturas e intermediações que perpassam os canais de comercialização acionados pelos camponeses, objeto de um oportuno texto (sexto capítulo) de Claire Cerdan e Denis Sautier.

Se, em algumas passagens, o trabalho soa algo esquemático (como nos capítulos voltados à análise do sistema de criação de gado, de autoria de Caron e Bernard Hubert, e da gestão da água, de Sabourin e Rémi Trier), valendo-se

da construção de “tipos” os mais variados para a caracterização dos agricultores e/ou dos espaços onde os mesmos atuam, não passa despercebido – nesses e noutros pontos da obra (especialmente na bem intitulada conclusão redigida pelos coordenadores: “Os agricultores familiares do sertão em movimento”) – que tais arranjos locais são passíveis de estratégias flexíveis, moldadas pelas possibilidades oferecidas pelos contextos microespaciais e pela dinâmica imprimida pelos diferentes atores e instituições.

Nesse sentido, destaque-se o pertinente tópico, no contexto das sínteses temáticas, de autoria de Sabourin, intitulado “Mudanças sociais, organização dos produtores e intervenção externa”. Nele, são apresentadas as diferentes organizações – formais ou informais – predominantes nesse universo agrário e as redes de relações que articulam as mesmas¹. Tal empreitada é necessária para compreendermos a estruturação de ações coletivas desencadeadas pelos protagonistas do livro, produto de uma aprendizagem, nem sempre tranqüila, que marca experiências como a negociação estabelecida entre os agricultores familiares e o poder público em Massaroca, comunidade rural de Juazeiro, e a formação de grupos comuns de irrigação em Pintadas, como forma de contornar os efeitos próprios à seca, um elemento constante nessas regiões. Sabourin tece, ao longo do capítulo, um arcabouço que permite dar conta, simultaneamente, das trajetórias e estratégias definidas no interior dessas redes e organizações de agricultores familiares, mas também dos laços externos que tais instituições estabelecem, permitindo a abertura de um espaço para a discussão (e implantação) de um padrão de desenvolvimento que atenda às expectativas desses sujeitos locais.

Poderíamos agregar a esse arcabouço a exploração de novas formas de comercialização relatadas no capítulo seguinte, ao qual já fizemos referência aqui, e também o acesso a determinadas políticas (não necessariamente governamentais, ainda que públicas), como aquela relacionada ao crédito (no item assinado por Pedro Silva) ou ao diagnóstico e planejamento municipal (tratados nos dois últimos capítulos do livro, um deles de autoria de Sabourin, Caron, Jussara Oliveira e Rogério Alves, e outro subscrito por Sabourin, Caron e Gamada Silva). Ainda sobre esse ponto, é interessante observar, adicionalmente, que tal flexibilidade de estratégias locais adotadas pode, inclusive, presumir

¹ Aqui um pequeno reparo na referência ao emprego do termo *comunidade* que, na realidade, antecede à utilização do mesmo pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) durante os anos 60 e 70, como é informado no texto.

aquilo que Hirschman denominou, em diversas oportunidades e, em especial no livro resultante da sua análise das experiências de base na América Latina financiadas pela *Interamerican Foundation*, de seqüências invertidas. Ou seja, a capacidade (inovadora) de pensar os processos de desenvolvimento não necessariamente através das etapas "clássicas" dos modelos de planejamento, mas sobretudo a partir dos recursos manejados por atores empenhados na superação de condições precárias de vida. Entre esses últimos, podemos localizar nas experiências relatadas, e de maneira especial, os agentes que promovem a mediação entre as organizações dos trabalhadores e as instituições de pesquisa e desenvolvimento.

A última parte da coletânea versa justamente sobre esse dilema, qual seja, o estabelecimento de uma ponte entre esses dois pólos, assim como a elaboração de fóruns e arenas adequados para a promoção dessas ações. O último capítulo da obra, denominado "Três experiências de planificação municipal", oferece uma boa análise comparativa entre situações examinadas em Juazeiro, Pintadas e Tauá.

Em suma, estamos diante de um trabalho exaustivo e bem construído, fruto de um longo e contínuo processo de pesquisa e interação com os agricultores familiares e suas organizações. Acreditamos que o mesmo é fundamental para aqueles que procuram aprofundar seus conhecimentos sobre a realidade agrária do semi-árido nordestino, como também para os leitores interessados no exame das estratégias familiares adotadas no meio rural e na dinâmica que tal processo pode resultar.

Caron, Patrick; Sabourin, Eric (orgs.). *Paysans du sertão: mutations des agricultures familiales dans le Nordeste du Brésil*. Montpellier: Cirad/ Embrapa, 2001, 243 p.

Sérgio Pereira Leite é professor do UFRRJ/CPDA.

Estudos Sociedade e Agricultura, 18, abril 2002: 180-184.